

ESCREVER PARA LIBERTAR: A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA EM *AS LENDAS DE DANDARA*, DE JARID ARRAES

Sidneia Rodrigues Pereira

UFMS/PPGCult¹

<http://lattes.cnpq.br/3974077697651027>

<https://orcid.org/0009-0005-5499-1342>

E-mail: sidneia.r.pereira@ufms.br

Marcos Rogério Heck Dorneles

<http://lattes.cnpq.br/4685357188353033>

<http://orcid.org/0000-0001-6247-0866>

E-mail: marcos.dorneles@ufms.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3-19>

RESUMO: Este artigo investiga a resistência da mulher negra a partir da obra *As lendas de Dandara*, de Jarid Arraes, compreendida como um romance contemporâneo que desloca o olhar tradicional da historiografia e propõe uma narrativa insurgente, de viés decolonial e feminista. A análise articula o romance da autora com os aportes do feminismo negro e latino-americano, mobilizando as contribuições de Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Hélène Cixous, Maria Lugones e Neuza Santos Souza. Dandara, figura histórica e ancestral, é reconstruída por Arraes como corpo que escreve e que luta, símbolo de uma genealogia coletiva de mulheres negras que resistem ao apagamento por meio da palavra. A escrita emerge, nesse contexto, como gesto político e poético, instrumento de cura e reescrita de si. Mais do que representar a mulher negra, a literatura, aqui, é território de reexistência, onde memória, linguagem e ancestralidade se entrelaçam. Ao resgatar vozes silenciadas, o romance questiona as formas de narrar, de saber e de existir impostas pela colonialidade. Conclui-se que o gesto de escrever para Jarid Arraes, como para tantas mulheres negras não é apenas representação, mas prática radical de liberdade, insubmissão e criação de mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher Negra. Resistência. Literatura. Feminismo Decolonial. Ancestralidade.

WRITING FOR LIBERATION: BLACK WOMEN'S RESISTANCE IN *AS LENDAS DE DANDARA*, BY JARID ARRAES

ABSTRACT: This article investigates the resistance of Black women through the work *As lendas de Dandara* by Jarid Arraes, understood as a contemporary novel that displaces traditional historiography and builds an insurgent, decolonial feminist narrative. The analysis connects Arraes's fictional stories with the theoretical contributions of Black and Latin American feminisms, especially the works of Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Hélène Cixous, Maria Lugones, and Neuza Santos Souza. The character Dandara, both historical and ancestral, is reimaged as a body that writes, speaks, and resists a symbol of a

¹ Artigo apresentado à disciplina “Tópicos especiais em Estudos Culturais: modernidade, decolonialidade e fim de uma história única”, ministrada pelos Professores Miguel Rodrigues de Sousa Neto e Iara Quelho de Castro, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, nível Mestrado, como requisito parcial à avaliação semestral.

collective genealogy of Black women who reclaim their narratives through writing. In this context, writing becomes a political and poetic gesture, a tool for healing and self-reinvention. Rather than representing Black women, literature becomes a space of re-existence, where memory, language, and ancestry intertwine. By rescuing silenced voices, the novel challenges dominant ways of knowing, writing, and existing shaped by coloniality. Ultimately, the act of writing for Arraes, as for many Black women — is not mere representation but a radical practice of freedom, refusal, and world-making.

KEYWORDS: Black Women. Resistance. Literature. Decolonial Feminism. Ancestry.

INTRODUÇÃO

A literatura produzida por mulheres negras carrega, muitas vezes, o peso e o brilho da ancestralidade, da denúncia e da reexistência. Em contextos nos quais o silenciamento, o apagamento histórico e a desumanização são estruturais, escrever torna-se um gesto político, uma forma de enfrentamento das opressões e de inscrição de novas subjetividades. A presente pesquisa insere-se no escopo dos estudos literários e dos estudos culturais a partir de uma perspectiva interseccional, decolonial e feminista, com o objetivo de analisar a resistência da mulher negra na obra *As lendas de Dandara*, de Jarid Arraes, observando de que forma a memória ancestral e a oralidade se configuram como práticas de insurgência e afirmação.

A escolha por essas obras parte do desejo de investigação acadêmica no projeto de pesquisa intitulado “Convergência das narrativas: *As lendas de Dandara* e *Quarto de despejo*, resistência e vozes femininas negras”, que busca fomentar, por meio da literatura, os modos como mulheres negras têm produzido discursos de resistência desde as margens. Se em *Quarto de despejo* (1960), Carolina Maria de Jesus narra, em tom diarístico, a crueza de uma existência marcada pela fome, exclusão e força coletiva, em *As lendas de Dandara* (2016), Jarid Arraes reconstrói miticamente a figura de Dandara dos Palmares, transformando-a em símbolo de luta, liberdade e liderança. Ambas as obras, cada uma em seu tempo e forma, reivindicam o direito à voz e à centralidade da mulher negra na história e na cultura brasileira.

Neste trabalho, tomam-se como referências as formulações de Bell Hooks (2025), Lélia Gonzalez (2020), Hélène Cixous (2022) e Maria Lugones (2020), teóricas fundamentais para pensar a intersecção entre gênero, raça, linguagem e poder. Bell Hooks propõe uma pedagogia do enfrentamento, pela qual o feminismo negro surge como lugar

de cura e denúncia. Lélia Gonzalez, por sua vez, escancara o racismo estrutural e a marginalização das mulheres negras nos espaços políticos e discursivos. Hélène Cixous defende a escrita do corpo feminino como forma de ruptura com a lógica patriarcal na construção do texto. Já Maria Lugones convoca a desobediência epistêmica através do que denomina “pensamento de fronteira”, evidenciando as opressões que incidem sobre as mulheres colonizadas.

A análise partirá da construção simbólica e narrativa de Dandara na obra de Arraes, observando como a personagem, mesmo inserida numa lógica mítica, atualiza conflitos sociais e políticos urgentes, como a exclusão, o racismo, a resistência coletiva e a liderança feminina negra. A pesquisa também considerará o papel da ancestralidade como um dos eixos de sustentação identitária e epistemológica entendendo a memória como ferramenta de enfrentamento à colonialidade.

Quanto à forma, a pesquisa dispõe-se como qualitativa, de base interpretativa, ancorada nos estudos culturais, nos feminismos negros e latino-americanos e na crítica literária. A abordagem se dará por meio da análise do conteúdo da obra selecionada de Jarid Arraes e sua articulação com os referenciais teóricos, respeitando o contexto social, político e histórico da produção.

Ao iluminar a presença da mulher negra na literatura especialmente no espaço simbólico de poder, que é a palavra escrita, este trabalho pretende contribuir para a valorização das vozes historicamente silenciadas e para o fortalecimento das epistemologias negras e femininas que emergem das bordas, mas que desafiam e reconfiguram o centro.

A MULHER NEGRA COMO SUJEITO POLÍTICO: INTERSECCIONALIDADE E ENRAIZAMENTO HISTÓRICO

A resistência da mulher negra é forjada em um contexto de múltiplas opressões, entrelaçadas pelas estruturas de raça, classe, gênero e colonialidade. Pensar a mulher negra como sujeito político exige romper com leituras unidimensionais que a posicionam apenas como vítima ou como símbolo de força estereotipada. Trata-se de reconhecer suas experiências como potentes fontes de produção de conhecimento, de organização coletiva

e de insurgência. Nesse sentido, a interseccionalidade, tal como mobilizada pelos feminismos negros, e os debates latino-americanos sobre a colonialidade do poder tornam-se ferramentas essenciais para compreender a centralidade dessa mulher na história e na cultura. Lélia Gonzalez, em sua produção teórica e militante, foi uma das primeiras intelectuais brasileiras a denunciar o “racismo à brasileira” como um fenômeno estruturante e velado, fundado no mito da democracia racial:

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra, pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica (Gonzales, 2020, p. 80).

Para Gonzalez, o lugar social da mulher negra é construído a partir de uma dupla marginalização: por ser negra e por ser mulher. Sendo assim vista sempre como alguém a estar por trás dos holofotes, mas nunca a acender, onde a mulher negra tem apenas reinados efêmeros em datas que o negro pode ser visto como o carnaval, mas que rapidamente lhe é retirado. Lélia dialoga com teorias de Freud e Lacan para explicar a ideia de “neurose cultural”, com o qual o Pai simbólico da cultura brasileira é preto, mas não pode ser visto e constantemente insurgem tentativas de apagá-lo. A autora propõe uma análise que valoriza os saberes afro-diaspóricos, a oralidade, o corpo e a ancestralidade como elementos fundantes de uma identidade política. Sua noção de “amefricanidade” é central nesse processo, pois recupera a relação viva entre a cultura negra das Américas e os povos africanos diaspóricos, articulando raça, gênero, cultura e resistência.

Já Maria Lugones, a partir de sua teoria da colonialidade de gênero, amplia esse debate ao mostrar como as opressões de gênero foram moldadas de maneira distinta nas sociedades colonizadas. Em seu texto “A colonialidade do gênero” (2020), a teórica argumenta que a imposição do sistema patriarcal europeu não apenas hierarquizou os papéis sociais com base no sexo, mas destruiu cosmologias e modos de vida não binários presentes em muitas culturas indígenas e africanas. Para Lugones, a mulher negra na América Latina é alvo de uma violência específica: o colonialismo, a marca como corpo disponível, como força de trabalho e como não-sujeito.

A Dandara construída por Jarid Arraes dialoga diretamente com essas teorias. A personagem não é moldada pelo olhar colonial nem pelo patriarcado. Ela é uma guerreira

que lidera, organiza, sonha e luta. Sua resistência não é apenas armada, mas simbólica: ela afirma sua existência em um mundo que tenta apagá-la. Dandara é sujeito político não porque ocupa um cargo ou uma instituição, mas porque age coletivamente, pensa estrategicamente e se posiciona como protagonista da própria história.

É importante observar que a própria escolha da escritora em utilizar o cordel em outras obras como forma de narrativa e poética carrega também um enraizamento histórico. O cordel é um gênero literário popular nordestino, tradicionalmente masculino e branco, e Jarid o reconstrói como espaço de escrita negra, feminina e política. Assim, a resistência da mulher negra se dá não apenas na narrativa e na lírica, mas também na forma, na linguagem e na escolha do meio de comunicação.

A partir de Gonzalez e Lugones, podemos afirmar que o romance *As lendas de Dandara* realiza um gesto de reescrita do lugar da mulher negra: da subalternidade à centralidade; do silenciamento à liderança; da invisibilização ao mito. E é nessa ressignificação que emerge a força ancestral como fundamento de uma identidade coletiva. É necessário aqui ressaltar que a memória da ancestralidade, tal como evocado no percurso de Dandara, não é apenas evocação simbólica: é estratégia política. Relembrar as vozes apagadas, narrar os feitos das que vieram antes, conectar-se a uma linhagem de resistência, tudo isso compõe o que Gonzalez chamaria de epistemologia do corpo negro. É por esse caminho que Jarid Arraes desenha sua Dandara: uma mulher que carrega as dores do passado, mas também as chaves para um futuro de libertação.

A INSURGÊNCIA DA VOZ FEMININA: ENTRE O GRITO E A ESCRITA

A escrita da mulher negra, especialmente em contextos marcados por opressões históricas, não se limita a uma prática estética, mas se configura como gesto radical de existência e denúncia. Quando a mulher negra escreve, ela interrompe uma longa história de silenciamentos impostos por estruturas coloniais, racistas e patriarcais. É nesse sentido que a insurgência da voz feminina, tal qual como nítidas em *As lendas de Dandara*, usa desse recurso como meio de reapropriação da linguagem como instrumento de resistência, de reconstrução subjetiva e de produção de memória.

Bell Hooks, em sua obra *O feminismo é para todo mundo* (2025) e em outras

produções fundamentais como *Ensinando a transgredir* (1994), afirma que falar e escrever são práticas de libertação para mulheres negras. Ela relembra que, historicamente, a mulher negra foi proibida de falar em espaços públicos, sendo constantemente interrompida ou deslegitimada. Para Hooks, quebrar o silêncio não é apenas falar, mas construir uma linguagem nova, que traduza suas vivências e recuse o discurso da dominação. Escrever é, portanto, uma maneira de transgredir.

Feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como a todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação (Hooks, 2025, p. 25).

Esse rompimento com a linguagem dominante também é tema central da obra de Hélène Cixous, especialmente em seu ensaio *O riso da Medusa* (2022). Cixous propõe uma “escrita do corpo”, uma linguagem feminina que subverta as normas patriarcais e abra espaço para formas não lineares, intuitivas e plurais de dizer. A escrita feminina, segundo ela, deve ser feita com o corpo inteiro — com o desejo, a dor, a memória e a desobediência: “Escreve-te: é preciso que seu corpo se faça ouvir” (Cixous, 2022, p. 51). Para Cixous a mulher que ri evoca medo àquelas que querem que ela se cale. Se formos olhar o seu mito por outra perspectiva, as tantas cobras em sua cabeça seriam se não as tantas palavras e línguas de mulheres que são “decepidas da fala”. Sua cabeça é cortada por um homem assim como os tantos escritos de várias mulheres. Essa proposta, embora surgida em contexto europeu, encontra ressonância potente nas práticas de escrita de mulheres negras latino-americanas, que se apropriam da palavra para romper com os silenciamentos e com os enquadramentos discursivos normativos.

Escrever, ato que não somente ‘tornará real’ a relação des-censurada da mulher com sua sexualidade, com o seu ser-mulher, permitindo-lhe o acesso às suas próprias forças; que lhe devolverá seus bens, seus prazeres, seus órgãos, seus imensos territórios corporais mantidos lacrados; que a arrancará de sua estrutura superegoica, na qual reservaram-lhe sempre o mesmo lugar, o de culpada (Cixous, 2022, p. 52).

Cixous nos traz a ideia de romper com os silenciamentos através do corpo que é essa ferramenta, escrever-se é um processo de reapropriação do próprio corpo, da própria história e da própria voz, negadas historicamente pelas estruturas patriarcais e coloniais. Ao escrever, a mulher não apenas fala, ela inscreve no papel aquilo que foi silenciado em

sua carne. É o gesto que transforma dor em palavra, ausência em presença, invisibilidade em narrativa. Jarid Arraes, ao construir Dandara pela palavra, realiza exatamente isso: dá corpo à memória, voz à ancestralidade, e presença à insurgência.

Em *As lendas de Dandara* (2016), Jarid Arraes materializa esse gesto de insurgência. Ao reconstruir a figura da guerreira negra e quilombola como narradora e protagonista, a autora desafia tanto o silêncio quanto o tipo de fala autorizado pelo sistema colonial. Dandara não é apenas representada: ela fala, pensa, lidera. Sua voz ecoa dentro do romance, uma modalidade textual muitas vezes estandardizada, mas que em suas mãos traz uma mistura de ficção, história e fantasia. Jarid adiciona conteúdo político, feminista e racialmente marcado uma escrita que ri da Medusa e também enfrenta o dragão da branquitude patriarcal.

Essa insurgência da voz não está apenas no conteúdo, mas também na forma. A escrita de Jarid Arraes se vale de uma linguagem acessível, direta e simbólica, que remete à oralidade ancestral e à força coletiva da palavra falada. Como em Cixous, a linguagem em *As lendas de Dandara* é encarnada: ela pulsa, resiste, provoca. Como em Hooks, a voz que fala ali é uma que não se cala diante da opressão, mas a denúncia com sabedoria e afeto.

Importante destacar que, ao colocar Dandara como enunciadora da própria história, Jarid rompe com a lógica da representação passiva. Não se trata de falar “sobre” a mulher negra, mas de deixar que ela fale “desde” si. E isso é profundamente político. Conforme Bell Hooks nos ensina, “a linguagem é também um lugar de luta” (Hooks, 2025). E a luta de Dandara, em Jarid, é feita também com as palavras.

A ancestralidade emerge como alicerce da voz. A fala de Dandara é eco de outras vozes negras femininas que foram silenciadas. É memória incorporada. É tradição recriada. Escrever-se, para a mulher negra, é um ato de coragem e um gesto de continuidade: aquilo que sua avó não pôde dizer, ela escreve. Aquilo que foi apagado dos livros, ela transforma em poesia. Aquilo que tentaram silenciar, ela transforma em livro.

DANDARA DOS PALMARES: RECONSTRUÇÃO DE UMA HEROÍNA NEGRA

A personagem Dandara dos Palmares, recriada por Jarid Arraes em *As lendas de*

Dandara, emerge como símbolo de resistência negra feminina, subvertendo o lugar marginal e silenciado tradicionalmente atribuído às mulheres negras nos registros oficiais da história brasileira. Longe de ser apenas um suporte narrativo à trajetória de Zumbi, como comumente representada em menções históricas secundárias, Dandara é posicionada como protagonista de sua própria história guerreira, líder, estrategista, e sobretudo, sujeito político. Sua presença literária não apenas resgata uma memória coletiva apagada, mas também propõe novos paradigmas de representação, identidade e resistência.

O gesto de reconstruir Dandara não é ingênuo. Jarid Arraes mobiliza elementos da ancestralidade, do mito e da luta política para construir uma personagem que sintetiza a força da mulher negra em múltiplas dimensões. A Dandara da obra literária é corajosa, generosa e radical. Ela não espera ser libertada; ela liberta. E essa libertação não é apenas física, mas simbólica e cultural: Dandara lidera não apenas batalhas, mas pensamentos, questionamentos e projetos de liberdade coletiva. Como afirma a própria escritora em entrevistas, Dandara representa "um novo modelo de heroísmo" não aquele fundado na dominação e na violência imperial, mas na organização, na solidariedade e na sabedoria ancestral.

De repente, Dandara já não se sentia como aquela garotinha que criava situações embaralhadas e vivia se aventurando pela mata. Agora Dandara exibía um semblante sério e uma postura altiva. Sentia-se segura, consciente de suas capacidades e profundamente determinada, focada em uma causa maior (Arraes, 2016, p. 52).

A escolha pela releitura ficcional e mitológica como meio narrativo também carrega implicações políticas relevantes. Esse romance adota uma forma de expressão popular, tradicionalmente oral e voltada para o povo. Utilizá-lo para contar a história de uma mulher negra, esquecida pelos livros escolares, é também uma forma de democratizar a memória e devolver às classes populares um pedaço de sua própria história. A linguagem simples e envolvente do romance permite o acesso de leitores diversos, mas não simplifica a profundidade simbólica da narrativa. Pelo contrário, ela intensifica o alcance político da obra.

A Dandara criada por Jarid não corresponde ao modelo emblemático de heroína romântica ou idealizada. Ela sente medo, dúvida, raiva. Ela sofre perdas, recua, mas retorna com mais força. Essas camadas humanas fazem de Dandara uma figura complexa,

profunda, que encarna não apenas a bravura, mas também os traumas da resistência. Como aponta Bell Hooks (2025), a representação da mulher negra precisa ir além do estereótipo da força inabalável: é preciso reconhecer suas dores, suas contradições, seus afetos. Dandara, nesse sentido, é revolucionária: não porque ignora o medo, mas porque age apesar dele.

Ao representar uma mulher negra como centro de sua narrativa, Jarid Arraes mobiliza também aquilo que Hélène Cixous chamou de “escrita do corpo” uma escrita que se apropria da experiência vivida para romper com a linguagem dominante e instituir novos sentidos. A Dandara da obra não fala a língua do opressor: ela canta, recita, convoca e inspira por meio de uma linguagem ancestral. Essa linguagem não apenas narra, mas resgata: é a língua das matriarcas, das lideranças espirituais, das mulheres que ensinaram a resistir enquanto educavam, cozinhavam, pariam e guerreavam.

A escrita de Dandara é escrita de linhagem ecoa vozes silenciadas, refaz caminhos apagados, planta sementes em territórios que insistiram em negar sua presença. Jarid Arraes, ao devolver Dandara ao centro, devolve também às mulheres negras a possibilidade de se verem como parte de uma história de luta contínua, e não de submissão. É essa ancestralidade ativa que transforma a literatura em interface de cura e combate, é um pilar de resistência.

O CORPO E A MEMÓRIA COMO TERRITÓRIO DE RESISTÊNCIA

Em contextos coloniais e pós-coloniais, o corpo da mulher negra sempre foi um campo de disputa, dominação e silenciamento. Mas também foi e continua sendo um território de resistência, memória e reinvenção. Ao recuperar a figura de Dandara dos *Palmares*, Jarid Arraes não apenas situa um espaço de voz a uma personagem apagada da história oficial, mas reinscreve no corpo dessa mulher negra a potência simbólica da luta coletiva, da ancestralidade e da insubmissão. Nesse processo, a memória é fundamental: não apenas como lembrança do passado, mas como força viva que sustenta o presente e projeta o futuro.

O corpo de Dandara, tal como narrado no livro, não é objeto passivo da história. Ele luta, sangra e lidera. É um corpo que pensa, sente, decide. Essa representação rompe

com a lógica da desumanização, que historicamente reduziu corpos negros a instrumentos de trabalho e reprodução. Aqui, o corpo é sujeito e mais que isso: é arquivo. Como propõe Lélia Gonzalez (1984), a experiência do povo negro é marcada por uma resistência que se manifesta na oralidade, nos gestos, nas práticas religiosas e culturais que resistem à colonialidade. O corpo guarda essa história ele se torna um documento vivo.

Jarid Arraes, ao construir Dandara a partir da escuta das vozes ancestrais e do resgate da oralidade, estabelece uma ponte entre o passado silenciado e o presente que reivindica palavra. A linguagem do romance, com sua musicalidade e repetição, ativa essa ancestralidade. Como observa Bell Hooks, a linguagem é um campo de poder, e “falar é um ato de resistência”. Dandara fala com o corpo, com a espada, com o conselho, com a canção. E cada fala sua é também a fala de muitas que vieram antes mães, avós, Ialorixá, guerreiras.

A memória que Jarid mobiliza não é a memória fria dos registros oficiais, mas a memória afetiva, comunitária, espiritual. É a memória que Maria Lugones chamaria de “pensamento de fronteira” um saber que nasce da experiência vivida na intersecção das opressões e que se recusa a ser assimilado pela lógica hegemônica. Essa memória insubmissa é o que permite à mulher negra não apenas lembrar, mas recriar: recriar a si, recriar sua história, recriar seu lugar no mundo.

O corpo de Dandara também resgata a ancestralidade como dimensão material. Ele carrega traços, cicatrizes, saberes. Como propõe Neuza Santos Souza (1983), o processo de tornar-se negro é também um processo de enfrentamento das marcas que o racismo imprime na subjetividade e na carne. Ao assumir seu lugar de liderança, Dandara “torna-se negra” no sentido político e simbólico: ela recusa o lugar da inferioridade, assume sua identidade e a transforma em ação coletiva:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 1983, p. 18).

A reflexão de Neuza Santos Souza revela que o processo de tornar-se negra não é passivo, nem linear. Trata-se de um movimento de enfrentamento interno e externo, que exige lucidez para reconhecer as violências sofridas, mas também coragem para resgatar

a própria história e reescrever a si mesma a partir de novos horizontes. Essa vivência marcada por dor, mas também por potência é o que se materializa na figura de Dandara em Jarid Arraes. A personagem simboliza a mulher negra que, embora atravessada por silenciamentos e exclusões, não se reduz ao que fizeram dela. Pelo contrário: compromete-se com sua ancestralidade, com sua comunidade e com a reinvenção de um novo modo de existir. Dandara, assim como tantas mulheres negras reais, não apenas resiste ela se recria.

No contexto da obra, o corpo de Dandara é ainda ritual. É através dele que a resistência se organiza: no abraço, na dança, na luta. Cada ação corporal da personagem é carregada de sentido. E isso reflete o que Cixous defende como uma “escrita encarnada” uma escrita que não se dissocia da vivência, que não se torna neutra, mas que carrega no ritmo, na forma e na escolha das palavras, as marcas da vida.

LITERATURA COMO PRÁTICA DECOLONIAL: O ROMANCE COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA POPULAR

A escolha de Jarid Arraes por uma ressignificação do romance como forma literária para recontar a história de Dandara dos Palmares não é um detalhe estilístico ou casual. Trata-se de uma decisão política e epistemológica, que posiciona a literatura como espaço de resistência decolonial. Ao ocupar esse espaço com uma narrativa feminista e negra, Jarid desafia as hierarquias do saber, da arte e da história. A decolonialidade, como proposta por pensadoras como Maria Lugones e pelos estudos latino-americanos, parte da crítica à colonialidade do poder, do saber e do ser. Ou seja, denuncia que a dominação colonial não terminou com a independência formal das nações latino-americanas, mas persiste na forma como pensamos, educamos, produzimos conhecimento e classificamos o mundo. Nesse cenário, a literatura, enquanto ferramenta de formação simbólica, é também território de disputa. Jarid Arraes, ao escrever *As lendas de Dandara* em forma de romance amplia esse campo de batalha e insere a mulher negra como agente intelectual e cultural. Como afirma Lélia Gonzalez, a cultura popular negra e ameríndia é frequentemente marginalizada pela lógica eurocêntrica que domina as instituições acadêmicas e artísticas. O saber do terreiro, da cozinha, do quintal, da oralidade, do corpo saberes ancestrais e femininos são considerados “inferiores” ou “não científicos”. A

escrita de Jarid desafia essa lógica. Ela reivindica esses saberes como fontes legítimas de pensamento, e os transforma em literatura. Não há separação entre vida e palavra, entre corpo e texto, entre política e poesia.

Jarid Arraes, portanto, reverte a lógica de uma standardização ao ressaltar a oralidade, da rua, da feira, do nordeste profundo. Sua literatura é escrita, mas carrega o ritmo da fala; é moderna, mas reverencia os saberes antigos; é individual, mas profundamente coletiva. O romance se torna, nas mãos da autora, um espaço de resistência estética e política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos compreender como a resistência da mulher negra se manifesta na obra *As lendas de Dandara*, de Jarid Arraes, à luz das contribuições teóricas de Bell Hooks, Lélia Gonzalez, Hélène Cixous e Maria Lugones. Partindo de uma perspectiva interseccional, decolonial e feminista negra, analisamos a figura de Dandara como uma reconstrução simbólica de uma mulher negra insurgente, que ocupa o centro da narrativa, rompendo com o silenciamento histórico e literário a que foram submetidas tantas outras.

A Dandara que emerge do romance de Jarid Arraes é um corpo político, um território de memória e ação. Sua presença desafia as normas do cânone, as estruturas coloniais de saber e as hierarquias de gênero. Ao colocá-la como protagonista de uma narrativa épica, Arraes rompe com a tradição eurocentrada da literatura e propõe novos imaginários para as gerações futuras. A resistência da mulher negra, nesse contexto, não é apenas física ou pontual: é simbólica, ancestral, estética e cotidiana.

A escolha da ressignificação do romance como forma de expressão literária se mostrou central neste processo de deslocamento epistemológico. Jarid Arraes inscreve saberes populares, a oralidade, a memória coletiva e a linguagem acessível como práticas de insurgência. Com isso, a autora retoma uma tradição cultural que foi marginalizada e a transforma em instrumento de emancipação. A narrativa torna-se, então, não apenas uma forma de contar histórias, mas uma prática pedagógica, política e poética.

As reflexões de Lélia Gonzalez sobre a amefricanidade e o racismo por denegação

nos ajudaram a situar a mulher negra no Brasil como sujeito político construído entre opressões e potências. Maria Lugones aprofundou esse olhar ao evidenciar a colonialidade de gênero como um dos alicerces da exclusão das mulheres racializadas. Bell Hooks, por sua vez, revelou a importância de recuperar espaços de voz e a escuta como estratégias de luta e transformação, enquanto Hélène Cixous propôs a subversão da linguagem patriarcal por meio da escrita do corpo.

Por meio da articulação entre teoria e literatura, entre memória e resistência, compreendemos que a escrita de Jarid Arraes não apenas expressa a mulher negra ela a convoca, a fortalece e a inscreve no centro da cultura. Dandara é, nesse sentido, mais que personagem: é símbolo, é passado vivo, é futuro possível.

Concluimos, portanto, que a literatura, quando articulada com a escuta das vozes silenciadas e com a valorização da ancestralidade, torna-se um território fértil de reexistência. Escrever, para a mulher negra, é também uma forma de viver de inscrever-se num mundo que historicamente a negou, de narrar o que foi calado, de existir com dignidade e com potência.

Que as palavras de Dandara, através da escrita de Jarid Arraes, sigam ecoando em muitas outras que resistem, que lembram, que escrevem, que lutam. Que a cada leitura, Dandara renasça em outra mulher, em outra menina, em outra história que se recusa a desaparecer. A memória ancestral não é, portanto, saudosismo: é potência política e poética. É chão, raiz e flecha.

REFERÊNCIAS

- ARRAES, Jarid. **As lendas de Dandara**. São Paulo: Editora de Cultura, 2016.
- CIXOUS, Hélène, 1953 - **O riso da Medusa**. Tradução de Natália Guerellus, Raísa França Bastos. – 1.ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Bhuvli Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2025.
- LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 19–44.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Submissão: fevereiro de 2026. Aceite: março de 2026. Publicação: julho de 2026.